

## Medronheiro: do “garimpo” à plantação



***“E tu amigo, se vislumbrares, por entre as paradisíacas paisagens das terras do xisto, um medronhal com seis mil medronheiros em quinze hectares, não penses que é um sonho...”***

Esta expressão, da autoria de Jorge Simões, revela-nos a forma de estar na vida deste empresário agrícola, homem empreendedor, capaz de imprimir um cunho inovador a uma actividade com forte tradição nos concelhos montanhosos da área de influência da serra da Lousã e do vale do Zêzere, designadamente nas chamadas “Terras do Xisto”.

A aguardente de medronho é o produto nobre que se obtém a partir dos frutos maduros do medronheiro, cuja colheita é praticada ancestralmente nos terrenos de aptidão florestal das regiões serranas do centro de Portugal. Esta actividade de autêntico “garimpo” incide sobre medronheiros de ocorrência espontânea e dispersa, existindo mesmo assim, casos de certas árvores capazes de atingir produções de fruto da ordem da centena de quilogramas. Boa parte da produção assim obtida acaba por ser encaminhada para o Algarve, contribuindo para a valorização de um território, produto e marca regional que não o da sua real origem. Segundo este proprietário e regionalista convicto, trata-se de uma situação de demérito para esta região beirã, em resultado da falta de visão e de organização, desde a produção à transformação e comercialização, desperdiçando-se uma boa fonte de criação de valor nas comunidades locais.

É no lugar de Perocaboço, freguesia de Estreito e concelho de Oleiros, que se localiza esta moderna exploração de medronheiros. Representando um investimento muito significativo, na ordem de 70 000 euros, para o qual não foi sequer possível obter participação financeira ao abrigo do ProDer, este pomar de medronheiros começou a ser instalado em 2004.

Decorridos sete anos, Jorge Simões apresenta-nos com natural orgulho um autêntico pomar, com mais de seis mil árvores plantadas em curvas de nível, num terreno de encosta e de marcada aptidão florestal. A ocupação inicialmente prevista, plantação de eucaliptos, levou à preparação do terreno de acordo com a topografia e em sistema de “vala e cômoros”.

Dada a natureza ácida dos terrenos e a pouca espessura efectiva da camada superficial destes solos de xisto, a fertilização de fundo incorporou os adubos e correctivos considerados indicados, seguindo-se as operações de plantação, de acordo com um compasso de 5x5 metros. No sentido de evitar a variabilidade genética desta espécie, ainda muito pouco trabalhada ao nível do melhoramento vegetal e, em especial, os aspectos de alternância produtiva (anos de “safra” e de “contra-safra”), Jorge

Simões optou por adquirir a totalidade das plantas de medronheiro num só viveiro da região de Penamacor.

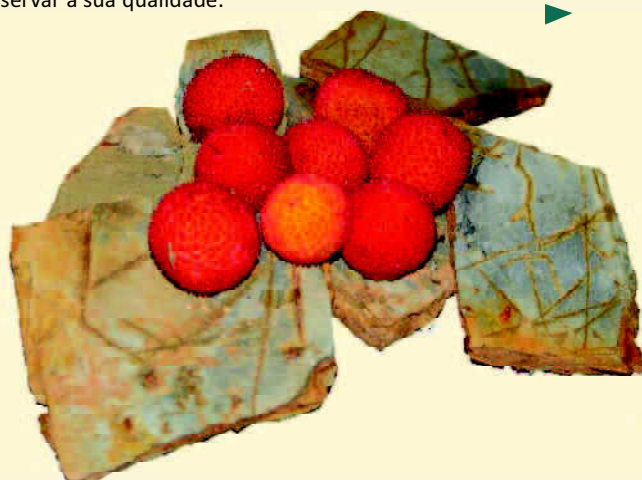
Nos anos seguintes, o empresário dedicou-se à condução das árvores, aspecto que considera essencial para atingir a produtividade desejada, bem como ao controle da vegetação arbustiva, para evitar a ocorrência de incêndios e proporcionar adequadas condições de desenvolvimento à plantação.

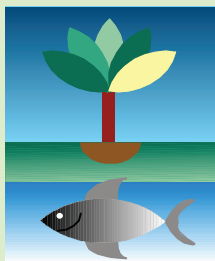
O pomar desta espécie não origina grandes preocupações em termos de controlo de pragas ou doenças ao seu proprietário que, em caso de necessidade, obtém apoio de qualidade por parte de técnicos locais e de docentes das Escolas Superiores Agrárias (ESA) de Coimbra e de Castelo Branco.

O facto de, nos anos anteriores, se ter promovido a abertura das copas e o controlo do desenvolvimento em altura dos lançamentos (rebaixa) favorece o arejamento interno, evita problemas de cariz fitossanitário, aumenta a capacidade de produção e rentabiliza a operação de colheita.

O objectivo é o de garantir que a área individual de projecção da copa ao solo represente, na fase adulta das árvores, uma ocupação de cerca de 12 metros quadrados. A floração ocorre em geral a partir de Setembro e a produção inicia-se logo ao fim do 2º ou 3º ano pós-plantação.

A operação da colheita processa-se de forma manual e escalonada, obrigando a várias passagens de acordo com o faseamento da maturação, representando por isso uma fatia muito importante do custo de produção global. Tendo por base uma razão de transformação de 6 Kg de fruto de medronho para obter 1 litro de aguardente, os cálculos de Jorge Simões apontam para um custo de produção unitário de 0,78 a 0,98 Euros/litro, consoante o operador recolha 300 Kg ou 250 Kg de fruto, respectivamente. Neste particular, o adequado estado de maturação e os cuidados na manipulação e transporte dos medronhos são essenciais para preservar a sua qualidade.

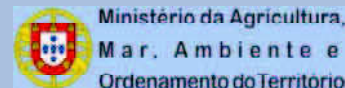




DIRECÇÃO REGIONAL DE AGRICULTURA E PESCAS DO CENTRO

# informação

Publicação bimestral para o sector agrário e pescas da Região Centro



Nº 22 - Novembro 2011

[www.drapc.min-agricultura.pt](http://www.drapc.min-agricultura.pt)

## Estação Agrária de Viseu 75 Anos ao Serviço da Agricultura

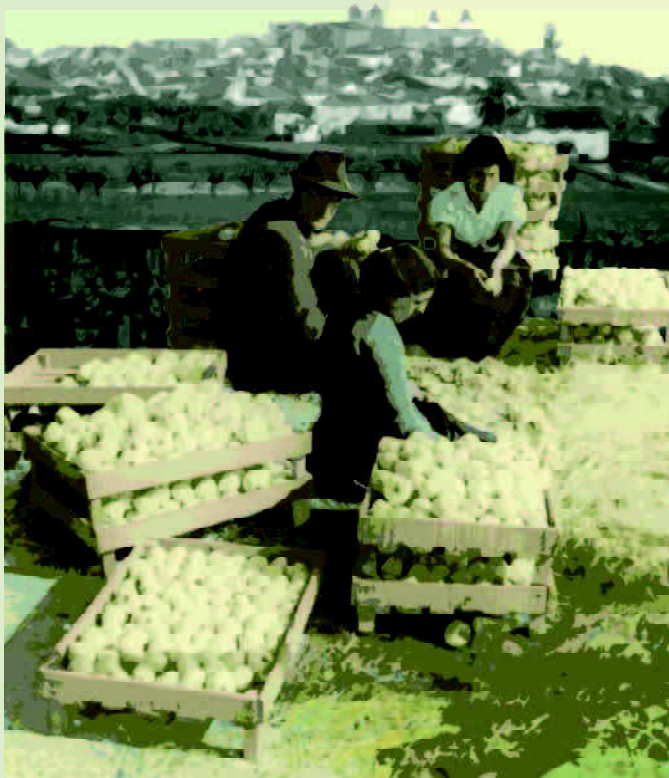
Ao longo dos seus 75 anos de existência, a Estação Agrária de Viseu sempre se revelou uma estrutura decisiva para o desenvolvimento da agricultura regional. Com base no trabalho dos técnicos ali sediados e, integrando por vezes múltiplos colaboradores externos, procurou-se afincadamente proporcionar às explorações agrícolas e pecuárias da região, as necessárias condições de progresso e modernização.

Ao longo destas décadas, foi muito e valioso o trabalho desenvolvido por sucessivas gerações de técnicos reconhecidos, experientes e dotados da vontade de estudar, testar e transmitir novos conhecimentos. Para tal baseavam-se essencialmente nos resultados obtidos pela Experimentação conduzida na própria Estação Agrária, muitos deles orientados para a satisfação das necessidades da lavoura, à medida que estas surgiam nas várias vertentes das diferentes atividades agro-pecuárias com maior expressão económica regional.

Outros estudos e pesquisas não menos importantes, levaram à criação de variedades melhoradas (caso dos milhos híbridos HV, por exemplo), à antecipação de tendências de produção ou à redução dos respetivos custos, à diversificação e valorização dos produtos da terra e, numa abordagem mais recente, à selecção e melhoramento de pomóideas regionais, para além da sensibilização para novas normas e práticas de cultivo recomendadas, etc..

Após sucessivas designações (Estação de Fomento Agrícola da Beira Alta, Posto Agrário, VI Região Agrícola), a instituição recebeu o nome de Estação Agrária de Viseu no longínquo ano de 1936.

Com a criação das Direcções Regionais de Agricultura, em 1979, a Estação Agrária de Viseu deixa de funcionar como estrutura autónoma, passando a corresponder à Divisão de Extensão Rural e Produção Agrícola, na dependência hierárquica e funcional da (então) Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral. É sobretudo a partir dessa data que ocorre a realização na EAV de muitas dezenas de Dias Abertos e outros eventos de Divulgação e de Demonstração, com grande visibilidade e impacto regional. Com base em programas de desenvolvimento agrário e iniciativas de extensão rural (Programa PROCALFER, entre outros), proporcionaram-se então aos agricultores e à suas organizações, bem como a técnicos, estudantes e diversos agentes económicos ligados ao sector, a oportunidade de desfrutar *in loco* dos ensinamentos recolhidos a partir dos ensaios conduzidos na Estação Agrária.



O final dos anos 80 e os primeiros anos da década seguinte ficam marcados pela cedência de algumas áreas agrícolas de vocação experimental da Estação Agrária, devido à rápida expansão urbana da cidade. Hoje em dia, a superfície agrícola útil da Estação Agrária de Viseu está reduzida a 18 hectares para assim prosseguir as suas tarefas no domínio da experimentação.

Em face da permanente evolução tecnológica e incessante imperativo para se produzir mais, melhor e a menor preço, tem sido objectivo da EAV o estabelecimento de contactos com instituições similares e outras organizações, partilhando informação e meios (humanos, materiais e financeiros) para a realização de diversos ensaios de interesse comum, numa perspectiva de uso racional dos escassos recursos disponíveis.

Na verdade, só com uma visão abrangente e partilhada quanto às

questões prioritárias a abordar e com uma adequada articulação de meios se podem desenvolver parcerias efectivas, orientadas para o desenvolvimento de projectos inovadores, associando o conhecimento científico e tecnológico às capacidades empresariais. Como exemplos da estratégia que tem sido seguida, existem dezenas de projetos de investigação, experimentação e demonstração, com apoios financeiros de sucessivos quadros comunitários de apoio (projetos PAMAF-IED e AGRO-DED, entre outros) e, mais recentemente, os protocolos que a DRAP Centro estabeleceu, com viveiristas e empresas ligadas à produção e comercialização de produtos fitofármacos, etc..

A culminar um conjunto de iniciativas, irá ter lugar no dia 30 de Novembro, um Seminário, em que serão debatidos temas da mais relevante importância para a fruticultura regional, como a experimentação, a intensificação cultural, a inovação varietal e a comercialização, estando o programa disponível online.

## Neste número

**75 Anos da Estação Agrária de Viseu**

**A cultura do medronheiro**

**1º Encontro de Produtores de Queijo Serra da Estrela**

**Rio Mondego, património regional**

**Dia de campo da cultura da luzerna**

**Projectos portugueses de pesca distinguidos**